



## As Boas Razões do Velho Marx<sup>1</sup>

Gianni Vattimo



Durante os longos anos em que temos compartilhado o reformismo atlântico, que ainda inspira posturas de tantos sinceros democratas “ocidentais”, recusamos essas escandalosas generalizações. O que têm a ver Waco e Oklahoma City com os problemas da sociedade ocidental, com a questão da segurança, num mundo em que a perda dos “valores” –começando pelo “basilar” da família e, por que não, também pela pátria- volta para o mundo cada vez mais anômico, cada vez menos coerido e, portanto, mais ameaçador? Contudo, acontecimentos como os mencionados acima, desde Waco até Oklahoma e o 11 de Setembro, passando pelos novos procedimentos de segurança que experimentamos ao entrarmos nos Estados Unidos, mas que nós também aplicaremos aqui (impressões digitais nos documentos), não têm acontecido sem conseqüências, sobretudo, por causa da sua irresistível transparência e, apesar de

que a mídia esteja muito manejada e falseada com a sobrecarga das informações e desinformações que a sociedade de consumo requer, as notícias circulam bem mais do que seria compatível com as estruturas de poder e da disciplina social. Até agora, ao menos: tomem o seguinte exemplo bastante “revolucionário” da rede informática e da Internet. Apesar de que a rede pareça envolver outra forma de exclusão social, entre os que “navegam” e os analfabetos informáticos, é verdade que muitos dos movimentos sociais dos últimos anos surgiram e se desenvolveram precisamente com o auxílio da Internet. A rede é um verdadeiro fármakon, um meio de emancipação e também um veneno. Sua carga venenosa parece fadada a intensificar-se—cada vez são mais os governos e poderes particulares que inventam e põem em andamento estratégias para controlar e regulamentar a comunicação eletrônica, argumentando acaso a pedofilia.

No entanto, mais determinante do que Waco, do que o 11 de Setembro, do que as novas medidas de segurança que nos pressionam cada vez mais em todo lugar, o que incentiva para voltar a ser comunista é que o poder capitalista – chamemo-lo assim, retomemos a terminologia dos nossos reencontrados clássicos-tornou-se intolerável e, portanto, provoca (pode provocar) a revolta do “proletariado” mundial que Marx tinha preconizado, porque já não consiga continuar contando com o sigilo ou com os vários disfarces ideológicos que o defenderam durante séculos. “Não somos mais material para uma sociedade”, dizia Nietzsche. E isso é assim, principalmente, porque no mundo da concorrência econômica ilimitada se impôs uma “selvageria índia” (da América, *scilicet*) evidenciada pela ferocidade do sistema de poder. A

<sup>1</sup> Agradecemos a Gianni Vattimo pela gentileza de permitir-nos reproduzir os textos “As razões do velho Marx” e “Novo proletariado” incluídos no livro *Ecce Comu* da editora Ciências Sociais, Havana, Cuba, 2006.p.p .69-72

seletividade do “nihilismo” nietzschiano está toda aí: os “valores”, isto é, os disfarces que têm acalmado os pobres e tranqüilizado as consciências dos ricos em toda a nossa época “pré-histórica”, desabam. As massas que mais ou menos se mobilizaram pela Internet, para se manifestar no mundo inteiro, não só no ocidental, contra a invasão ao Iraque, são de fato o novo proletariado, embora ignorem a consciência de classe e não representem uma classe no sentido marxista da palavra.

### **Novo proletariado?**

De que massa e de que comunismo nós estamos falando? Das massas que hoje representam o velho proletariado do Marx e que já deixaram de ser a classe operária dotada de consciência de classe e, portanto, portadora de um projeto (obra de quem? Inclusive nos marxistas mais ortodoxos, o projeto é tarefa dos intelectuais, visto que são integrados numa elite dotada de autoridade). Portanto, os proletários em quem o Marx pensava, hoje são diferentes, mais parecidos com aqueles que o Tony Negri chamava de *multidões*, embora para ele ainda representassem uma aura mística que é melhor deixar de lado. Na verdade, os proletários de hoje são aqueles cuja pobreza extrema radica em que agora devem agir para defender as condições que são a base da vida no planeta, enquanto os “capitalistas” –que são uma quantidade bem menor, como o Marx tinha preconizado– consomem os recursos naturais sem perceber que daqui a pouco se esgotarão (para o ano 2020, não mais além do que isso!, conforme o considera o famoso relatório do Pentágono sobre as guerras futuras pelo controle do ar e da água). O *Gattunswesen*, cujo portador revolucionário era, segundo o Marx, o proletariado, torna-se para nós na essência, incluso no sentido banal da quinta-essência, do último núcleo de seres humanos; talvez, na “vida nua” à qual Agambem se refere. Hoje, os pobres do mundo são quem no meio da exclusão em que se encontram, por causa de viverem em condições de pura subsistência, dispendo somente de uma fração mínima de recursos e excluídos da dilapidação que, contudo, caracteriza o mundo “rico”, sofrem mais e talvez com plena consciência, o desastre aonde vai o planeta se continuar o atual ritmo de consumo no mundo “desenvolvido”.

Um proletariado “minimalista” como este, que não passou pela dura formação da consciência de classe, não possui nem sequer um projeto que deva ser elaborado por um comitê central, por uma elite qualquer. É, ao contrário, com todo o sentido negativo, porém também positivo do termo, uma massa anárquica pura. O consumismo de que falamos ao referirmos a isso é, acima de tudo, a negação da ordem de propriedade existente, inspirada em uma desconfiança profunda nas instituições, no Estado. Populismo? Pode ser, não podemos estar permanentemente lecionando quem sente que deve se rebelar; só podemos tentar fazer parte da rebelião e trabalhar na formação de modelos de convívio conforme as exigências nas quais se inspira.

No caso, a questão a ser formulada, inclusive pensando neste novo comunismo anárquico e *suis generis*, continua sendo a mesma: nós, eu, o que fazemos com os condenados da terra? Não será já uma traição em si mesma que não só quem for simplesmente um intelectual, mas também nós que escrevemos estas coisas, seja um cidadão do Império, embora provenha de uma região marginal e de uma classe rebelde como, de fato, são os intelectuais que sobrevivem mais ou menos de forma parasita nas brechas da sociedade opulenta? *Ex Oriente salus*? Será que ainda continuamos esperando a chegada dos bárbaros (há uma poesia de Cavafis sobre o assunto), que até alguém como o Nietzsche esperava, sonhando com um proletariado revolucionário que já não vemos ao nosso lado na sociedade

desindustrializada e que gostaríamos de ver surgir no terceiro, quarto ou quinto mundo?